



Produção rígida prejudicou debate

Geraldinho Vieira

Mais que para os candidatos, o programa da noite de ontem foi um desafio para a própria Rede Bandeirantes: a rede paulista foi obrigada a, antes de tudo, definir-se entre uma orientação rígida e organizada ou mais sujeita à “babel” típica dos debates políticos. Optou pela primeira possibilidade e pecou. Esteve preocupada demais para arriscar-se numa terceira possibilidade — o meio termo que admite perguntas e respostas claras e ao mesmo tempo um pouco de clima denunciador.

Cenário sóbrio, roupa escura para a apresentadora Marília Gabriela, trabalho tímido de câmeras e tempos excessivamente curtos para perguntas, réplicas e tréplias. Lá pelas tantas a própria Marília Gabriela, interrompendo um início de discussão calorosa, deu a bandeira: “Vamos continuar nosso debate, ou melhor, nosso programa”. Como primeira emissora a convidar os candidatos, a Bandeirantes chamou todos eles (Collor e Ulysses não compareceram) e acabou não dando tempo suficiente para que qualquer um deles falasse com consistência. O telespectador que resistia até a meia-noite possivelmente terá acordado a partir do

momento em que Gabriela permitiu apartes e os candidatos acusaram-se e questionaram-se entre si com mais vigor.

Marília não explicou ao telespectador quem compunha aquele auditório e nem mesmo onde o debate estava sendo realizado. Raras perguntas, mesmo as feitas pelos jornalistas da casa, tocaram nas feridas programáticas dos candidatos.

Candidatos

Não faltaram deslizes inconcebíveis quanto a uma postura mais convincente à frente de câmeras de televisão.

Surgiram expressões como “preservar a moeda” (Aureliano Chaves), “enxugar o ministério” (Afif Domingos), “máquina perdulária” e “en passant” (Caiado).

Pior, entretanto, que estas “pérolas” da língua, foi a cena constrangedora provocada pelo ex-ministro Aureliano Chaves que logo no início do programa teimou em não usar seu tempo (não tinha perguntas a fazer a ninguém), obrigando a mediadora a insistir sobre a necessidade de que, afinal, participasse do programa. No mais, Aureliano — como a maioria dos participantes — não olhou para as câmeras, não falou direto com o telespectador. O engenheiro e ex-

governador Leonel Brizola (de quem se espera um crescimento nos programas de tevê), por sua vez, transformou-se na maior decepção da noite promovida pela Bandeirantes: não foi, como muitas vezes, evasivo. Ele simplesmente não conseguiu responder às perguntas (nem tanto intrincadas) que lhe foram dirigidas.

Dos outros candidatos, Roberto Freire mostrou um grande preparo técnico/teórico/ideológico e quase transforma-se no crítico número um de todas as candidaturas; Maluf falou alto e falou sempre para o telespectador, além de soltar suas velhas frases de efeito (aquelas que ganham um votos aqui e outros ali); Lula talvez tenha falado demais ao lembrar que foi condenado a três anos e meio de prisão (não havia clima para que nenhum outro candidato procurasse se aproveitar da “deixa” para infernizar o líder do PT); e, Afif não sofreu pressões, falou claro e dirigiu-se sempre ao telespectador. Se Brizola perdeu sua primeira oportunidade televisiva, Afif faturou o que lhe é possível. E Collor, que não compareceu, dificilmente perderia alguma coisa (eleitores) num programa de estrutura tão rígida e tão pouco propício à discussão mais profunda de programas e intenções.